

REPRESENTATIVIDADE, LIBERDADE E RESISTÊNCIA: COMPREENDENDO A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO *PARKOUR*¹

Alessandra Vieira Fernandes²
Giuliano Gomes de Assis Pimentel³

RESUMO

Esse estudo analisa e discute a participação das mulheres no *parkour*, a partir das reflexões de gênero. Foram entrevistadas/os 18 praticantes da modalidade (09 mulheres e 09 homens cis) com idades entre 19 a 31 anos e 01 a 09 anos de experiência na prática. Os dados foram tratados via Análise de Conteúdo Temática, sendo identificadas quatro categorias de análise: 1) O histórico das mulheres de privação e ausência de vivência das práticas corporais; 2) Percepções de avanços na participação das mulheres; 3) Fatores motivacionais do *parkour* de mulheres; 4) Resistências e enfrentamentos no *parkour*. Observamos que a participação das mulheres no *parkour* é atravessada por estereótipos, discursos dominantes dos *tracers* enquanto referenciais na modalidade, além da busca por espaço, visibilidade e respeito. Essa participação representa um questionamento e rompimento com as normatividades impostas sobre a mulher e seu corpo e, essencialmente, implicam em resistências e enfrentamentos diante dos obstáculos sociais.

Palavras-chave: Gênero, Mulheres, Atividades de Aventura, Corpo.

INTRODUÇÃO

O campo das práticas corporais é um espaço permeado por intensos conflitos em torno do que “pode” ou “deve” fazer um corpo “masculino” e um corpo “feminino”, dado que ele também produz e dissemina determinadas representações de masculinidade e feminilidade que são inscritas nos corpos (ADELMAN, 2006). Tais marcas podem ser convocadas para excluir, proibir ou silenciar mulheres (e também homens) que ousam ou pretendem investir em práticas e/ou funções esportivas que historicamente não foram indicadas para elas (GOELLNER, JAEGER e FIGUEIRA, 2011). Para Dunning e Maguire (1997), os esportes são contextos que ensinaram, expressaram e perpetuaram valores patriarcais, reafirmando concepções essencialistas acerca do que é apropriado para homens e mulheres.

¹Esse estudo contou com apoio financeiro da CAPES para sua realização e trata-se de um recorte de uma pesquisa de Mestrado.

²Graduação em Psicologia e Mestrado em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá - PR, fernandesav.psi@gmail.com;

³Professor Associado do Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá - PR, ggapimentel@uem.br.

Theberg (1985) reflete que a hegemonia masculina no esporte talvez seja mais resistente à mudança do que outros contextos culturais. E, por se tratar de um espaço generificado, a inserção das mulheres nesse campo expressa uma resistência e transposição aos discursos dominantes sobre a “inferioridade feminina” e o “sexo frágil”. Portanto, ao mesmo tempo em que as práticas esportivas e recreativas constituíram-se como espaços de exclusão e degradação das mulheres, a participação delas indicaram uma luta cultural travada nesse campo (THEBERG, 1987).

Tal participação exige que elas suplantem as expectativas (e os limites) sociais de gênero, não somente devido à prevalência dos homens nesse espaço, mas, sobretudo, em decorrência da estrutura dele; o qual é definido por requisitos específicos vinculados a estereótipos tradicionalmente “masculinos” – como tenacidade, agressividade, força, resistência, competitividade e a assunção de risco (KLEINDIENST-CACHAY E HECKEMEYER, 2006).

Especificamente nas modalidades de aventuras é pertinente refletir sobre a participação das mulheres. Diante do predomínio dos homens nas práticas de aventura – justificada pelas características de risco e controle do espaço dessas atividades –, constata-se a escassez de mulheres envolvidas, o que, para Schwartz et al. (2013), revigora a tese de que ainda se percebem inúmeros equívocos e limitações preconceituosas, os quais se estruturam como barreiras impeditivas para a vivência delas.

Embora o número de mulheres ainda seja muito inferior aos homens nas atividades de aventura, a participação delas vem ampliando (PAVLIDIS; FULLAGAR, 2014). Especificamente na modalidade *parkour*, foco desse estudo, as mulheres estão inseridas enquanto praticantes, atletas, treinadoras e na gestão. No Brasil, as praticantes têm desenvolvido grupos de treinos e eventos para fomentar essa participação.

O *parkour* é considerado uma atividade de aventura praticada, geralmente, em espaços urbanos (praças, parques, prédios, etc.) que compreende as possibilidades de movimentações ou percursos por meio de técnicas próprias de deslocamento e transposição de obstáculos – bancos, corrimões, muros, escadas etc (THIBAUT, 2013). Desenvolvida na década de 80 na França, essa modalidade é caracterizada pela não-competitividade, com ênfase na superação individual e no uso do corpo para superar obstáculos dentro de uma rota (ANGEL, 2011). As praticantes são denominadas de “*trapeuses*”, e os praticantes de “*tracers*”.

Assim como outras atividades de aventura, essa prática urbana apresenta o predomínio de homens praticantes e a ênfase do capital simbólico associado à masculinidade – diante da apropriação dos riscos e o controle do espaço físico (WHEATON, 2016). Por tal contexto, essa

pesquisa propõe-se a contribuir para a visibilidade da prática de mulheres nessa modalidade a partir das reflexões de gênero e performatividade. Portanto, o objetivo desse estudo consiste em analisar e discutir a participação das mulheres no *parkour*.

METODOLOGIA

Trata-se de uma investigação exploratória de natureza qualitativa. A amostra compreende 18 praticantes de *parkour* com faixa etária entre 19 a 31 anos de idade (M=21,6 anos), sendo 09 mulheres cis gênero e 09 homens cis gênero, residentes nos estados da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. As *traceuses* possuíam faixa etária variante entre 19 a 31 anos de idade (M=22,7 anos), com tempo de experiência no *parkour* entre 01 a 07 anos (M=3,5 anos). Os *tracers* caracterizavam-se pela faixa etária entre 20 a 27 anos de idade (M=23,4 anos), com tempo de prática no *parkour* de 04 a 09 anos (M=6,6 anos). Esses sujeitos foram incluídos no estudo, conforme os seguintes critérios: apresentar mais de 18 anos de idade e, no mínimo, um ano de experiência no *parkour*.

A coleta de dados foi efetivada por meio de entrevista semiestruturada nos espaços do VIII Encontro Feminino de *Parkour* (EFPK), em Amargosa (BA) e durante o treino geral do grupo *Parkour* Recife, em Recife (PE) no ano de 2017. Todas as entrevistas foram registradas em gravador de áudio e transcritas na íntegra.

Os dados foram tratados via Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2011). Os dados das entrevistas foram codificados em unidades de registros (UR) e delimitados as categorias de análise, a saber: 1) O histórico das mulheres de privação e ausência de vivência das práticas corporais; 2) Percepções de avanços na participação das mulheres; 3) Fatores motivacionais do *parkour* de mulheres; 4) Resistências e enfrentamentos no *parkour*.

Os procedimentos éticos obedeceram a Resolução 466/12, sendo a pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE: 59826016.5.0000.0104). Os sujeitos assinaram previamente um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussões serão apresentados conforme categorias de análise, com inserção das falas⁴ das/os praticantes entrevistadas/os.

⁴A fim de omitir a identificação das/os participantes, foram utilizados pseudônimo.

O histórico das mulheres de privação e ausência de vivência das práticas corporais

A participação das mulheres no *parkour* é atravessada por concepções estereotipadas de que seu desempenho é associado à inferioridade técnica, sendo consideradas como mais “fracas”, realizam um “treino leve” ou não “treinam de verdade”⁵. Esses discursos de desvalorização da participação das mulheres permitem evidenciar que a modalidade é circunscrita por hierarquias de gênero. Em outro polo, o homem é colocado como referente “do” e “para” o desempenho e o saber no *parkour*. Tal contexto contribui para que as diferenças entre eles/as, de naturais, passam a ser culturais e transformadas em desigualdades, uma vez que produz discursos dominantes/normativos e atitudes de discriminação e exclusão.

Mais do que as diferenças biológicas apontadas sobre o binarismo meninos e meninas, são as diferenças culturais e sociais que incidem na determinação do que é mais ou menos “adequado” para um e outro sexo (SILVA, MARINHO e SCHWARTZ, 2005). Consideramos neste estudo que, nas práticas corporais, a desigualdade de incentivo e acesso à exploração do corpo, durante o desenvolvimento do sujeito, contribuem para as evidências sobre as diferenças de desempenho no tocante à participação da mulher no *parkour*. Essas desigualdades são resultantes de instrumentos de controle que, principalmente, associam a fragilidade à mulher.

Historicamente, elas foram destinadas ao lar e à função materna, pois sendo consideradas fisicamente débeis, sujeitas às limitações da menstruação e da gravidez, precisavam se proteger dos perigos do espaço público (MATOS, 2003). Enquanto isso, pelas conjunturas sociais, os meninos são mais oportunizados e encorajados às vivências corporais desde a infância (DAOLIO, 1995). Esse cenário também interfere na ocupação de espaços públicos pelas mulheres, de tal modo que a maioria das crianças que brincam nas ruas ainda são os meninos. De acordo com estudo de Santos e Dias (2010) com crianças que brincavam na rua em Sergipe, das 32 crianças observadas 69% eram meninos e apenas 31% meninas.

Sob esse contexto de exploração do corpo, podemos nos referir ao que Daolio (1995) denomina de construção cultural do corpo: o corpo é construído a partir de suas vivências, do que lhe é permitido e estimulado a vivenciar:

“Nós fomos, ao longo do tempo, sendo inutilizados. Todas as máquinas criadas por nós e toda a exploração que alimentou e alimenta o sistema social é parte da inutilização do nosso corpo. Os animais fazem coisas incríveis com o próprio corpo, eles se locomovem de uma maneira invejável por nós. Mas, nós poderíamos ser como eles se não tivéssemos acomodados. As crianças são a prova de como poderíamos ser mais incríveis com nossos corpos. O *parkour*, ele traz esse conhecimento necessário do nosso corpo. O grande ponto para mim é como o *parkour* nos põe para brincar, para ser, durar e testar. Se os corpos humanos, em geral, já são inutilizados, os corpos

⁵ Recortes das falas dos *tracers*.

femininos sofrem essa freada ainda mais cedo. Não é só biologicamente que as mulheres amadurecem mais cedo, socialmente e comportamentalmente também. E esse segundo amadurecimento é imposto, e isso é muito danoso” (Daphne).

“A mulher é constantemente repreendida no conhecimento do próprio corpo” (Hana).

Essas falas refletem sobre as limitações que compreendem o processo de socialização das mulheres frente à exploração do corpo. A falta de compreensão sobre essa construção cultural do corpo fomentam estereótipos sobre as mulheres e, conseqüentemente, atitudes de discriminação e exclusão, como verificado na fala de um *tracer*:

“No início eu tinha um pouco de preconceito porque eu não entendia muito bem e hoje em dia eu ainda vejo muitos homens repetindo esse preconceito de que as mulheres não conseguem fazer as coisas direito, que as mulheres não conseguem treinar direito e o que eu percebi foi que as mulheres não são estimuladas desde pequena a se movimentarem” (Félix).

Esse preconceito integrado às representações sobre as mulheres – e sua descredibilidade nas práticas corporais – está relacionado aos preconceitos mais amplos relativos à sexualidade e gênero (ARAÚJO, 2015). Outros participantes afirmaram que as *traceuses* não possuem desempenhos e habilidades melhores no *parkour* por serem “preguiçosas” ou por “falta de coragem”, assentando sobre o fator motivacional como o principal mediador para as mulheres não serem “tão boas” na modalidade. Tais posicionamentos podem refletir a não inteligibilidade das limitações físicas e psicológicas decorrentes da falta de incentivo de práticas corporais às mulheres.

Percepções de avanços na participação das mulheres

Considera-se que o campo das práticas corporais, assim como o *parkour*, é generificado – demarcado por diferenças, preconceito e exclusão – de modo que a inserção das mulheres é atravessada por “lutas” e “resistências/enfrentamentos”. O cenário das práticas esportivas, como o *parkour*, foi pensado, arquitetado e constituído sem a participação das mulheres (FERNANDES, 2014). Assim, para conquistar um lugar neste espaço coube à elas se identificarem, adequarem e transformarem o que esteve posto de forma simbólica, histórica e cultural pelos homens.

Frente à esse contexto, identificamos algumas “conquistas” vivenciadas pelas *traceuses* em sua participação no *parkour*, como o aumento do número de praticantes que, possibilitaram outros avanços:

“Na época que eu entrei muita menina estava entrando também (...). As meninas começaram a ganhar seu espaço quando eu entrei” (Sara).

“No começo foi muito difícil pra me acostumar com a rotina de treino deles, depois foi aparecendo as meninas, aí a gente se juntou (...) pra fortalecer um pouco da gente” (Elis).

“Eu acho que já entrei numa fase boa para as meninas no *parkour*. Hoje em dia as minas se sentem mais empoderadas e à vontade” (Daphne).

O “ganho de espaço” e o “empoderamento” apresentam-se como conquistas devido ao aumento do número de *traceuses*. Outras/os praticantes ressaltaram que a visibilidade e representatividade das mulheres no *parkour* pode favorecer à adesão e estabelecimento de vínculos:

“Quando a gente chegou não tinha menina nenhuma. Seria interessante pras meninas chegar e ter um grupo (de meninas) que recebam elas” (Sara).

“Contato de menina pra menina ajuda bastante” (Elis).

“Essa convivência mais aberta de menina pra menina ela torna atraente a prática” (Jhon).

As/os praticantes referiram-se, até mesmo, sobre a relevância do que podemos denominar de “coletivo de mulheres”: o agrupamento/união das praticantes. Para tanto, foram verbalizados as iniciativas e o incentivo para que as *traceuses* se reunissem:

“As mulheres que estão e que treinam é que deveriam tomar a frente porque eu acho que as meninas iam se sentir muito mais abraçadas. As meninas do *parkour* que têm que se movimentar, como tá acontecendo” (Sara).

“A participação das mulheres no *parkour* é muito importante, então eu acho que todo mundo devia se juntar pra poder incentivar, pra poder dar mais visibilidade” (Francine).

“A melhor maneira de você incentivar a participação dessas mulheres, pra que comecem e continuem a treinar é incentivar que elas se reúnam, é necessário que as pessoas comecem a cutucar as meninas de cada região pra que elas mesmas se organizem, comecem a puxar (os treinos)” (Hana).

“Eu fico muito feliz que hoje em dia tem muita menina fazendo vídeo e não tá nem aí se tá fazendo certo ou não, e elas fazem justamente pra incentivar as outras” (Francine).

Essas falas expressam 1) a necessidade de representatividade; 2) a organização e iniciativa de mulheres para reunir outras mulheres a fim de constituir coletivos e grupos; 3) e o uso da mídia e internet como ferramenta mediadora para fomentar a visibilidade das mulheres. Para os/as praticantes, esses aspectos configuram-se como cruciais para ampliação, fortalecimento e visibilidade da participação das mulheres no *parkour*. Essa representatividade de traceuses vinculada ao sentimento de pertença ao grupo funcionam como mecanismos de incentivo/motivação à prática:

“Na intenção de treinar *parkour* eu fiquei analisando os meninos e olhando se tinha mulheres dentro, porque minha vontade era ver as mulheres pra eu poder fazer também” (Cintia).

“O que me motiva é ter muita menina treinando que gosta e quer aprender” (Elis).

“Quando a gente vê uma mulher se desenvolvendo tão bem, você se sente inspirada por ela, então muitas vezes é uma oportunidade de você desenvolver mais” (Hana).

As praticantes indicaram a representatividade como ferramenta para desencadear confiança e potencializar as mulheres na modalidade.

A respeito dos aspectos motivacionais da prática, um praticante, não obstante apontou como encorajador a *traceuse* se perceber atingindo o nível de habilidades dos “homens”: “Uma coisa que motiva é ver outra mulher conseguindo fazer o que um cara faz, que é ainda melhor” (Jordan). Essa fala reforça a posição do “homem” como parâmetro no desempenho e aptidão no campo esportivo, considerando que é a partir do referente (masculino) que, inclusive, o “feminino” é designado como mais frágil (FIGUEIRA e GOELLNER, 2013).

Fatores motivacionais do *parkour* de mulheres

As praticantes também são encorajadas para o *parkour* pelas percepções de superação e evolução na modalidade:

“O que me motiva é eu superar. É estar vendo que você está conseguindo executar aquilo ali que você nunca pensou em executar” (Sara).

“Essa questão de você conseguir fazer uma coisa que você não conseguia, você vê sua evolução é o que motiva a tentar fazer outras coisas” (Demi).

“O que me motiva é sentir a movimentação, é saber que eu posso desenvolver, notar que eu consigo passar por determinados medos, que eu posso passar adiante, que um dia eu tô sendo aluna e no outro eu vou ser professor de outro” (Hana).

Os trechos destacam o “conseguir”, o “desenvolver-se” e a “evolução”. Tais termos manifestaram-se atrelados ao sentimento de superação e desenvolvimento vivenciados pelas mulheres na modalidade. As praticantes também expressaram a liberdade de explorar o meio e o próprio corpo:

“A liberdade física que você tem (...). Só de tá pulando um banco, fazendo uma precisãozinha⁶ pequenininha ali já senti que eu vou me soltando aos poucos” (Sara).

“Aquela sensação de liberdade que o *parkour* dá, sensação de realização quando você consegue acertar o movimento” (Iorrana).

“O que motiva é toda a filosofia e a ideia de que isso vai me fazer cada vez melhor e mais livre, fisicamente e mentalmente” (Daphne).

Nesses relatos, observamos a liberdade experienciada no *parkour* e articulada aos “valores” da modalidade. Achados empíricos atestam a sensação de liberdade diante do envolvimento em atividades de risco (LOIS, 2005). Para Lamb (2011), a legitimidade do *parkour* é encontrada por meio do poder de promulgar a liberdade pessoal. A vivência dessa liberdade, mencionada pelas praticantes, torna-se um aspecto produtor da participação das

⁶ Movimento de salto para transpor de um obstáculo à outro.

mulheres na modalidade, uma vez que, por um processo histórico e cultural, elas têm sido privadas e menos incentivadas a explorar o corpo e o meio público. Assim, o *parkour*, como outras modalidades de aventura, oferece esse potencial para que as mulheres experimentem essa sensação de liberdade diante do uso desse corpo e do espaço de forma “não convencional”, descolada das configurações padrões sob as quais esse corpo foi “educado”.

Resistências e enfrentamentos no *parkour*

Além da percepção de superação e da sensação de liberdade, atentamos para os relatos das praticantes sobre a percepção de empoderamento que circunscreve suas competências e sua atuação no *parkour*:

“Ela não é fraca, ela pode estar fraca, mas ela não é. Ela vai ficar forte!” (Cintia).

“Não é uma coisa impossível de fazer, pode conseguir! A gente pode!” (Iorrana).

Essas percepções indicam um rompimento das naturalizações atribuídas à mulher no sentido que ela “não pode”, “não é”. Os *tracers* também sugeriram a desconstrução das concepções naturalizadas sobre a mulher e seu corpo mediante à participação das mulheres:

“Acho que todas as mulheres hoje em dia que praticam *parkour* são mulheres revolucionárias, que meteram a cara e falaram: ‘não, vou sim!’ . Tipo é quebrar todos os padrões sobre a sociedade (...). E eu acho que as mulheres são meio assim as revolucionárias, assim, as que tem muita força pra poder falar não, eu vou fazer sim, mesmo que todo mundo diga pra eu não fazer eu vou fazer” (Félix).

“Elas conseguem mostrar confiança na hora que tá fazendo o movimento, outra pessoa olha e vê tipo: ‘nossa ela fez aquilo ali, eu achava que mulher não fazia aquilo!’” (Jhon).

Pelas características da modalidade e diante dos relatos, inferimos que as *traceseuses* desafiam as representações sociais e os estereótipos de gênero associados às mulheres. Tal concepção nos remete à Goellner (2006, p. 4) ao se referir que as mulheres no esporte, “transgridem ao que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a hegemonia esportiva masculina historicamente construída e culturalmente assimilada e enfrentam os preconceitos e também as estratégias de poder que estão subjacentes a eles”. Consideramos, assim, que as práticas corporais, é um terreno de *empoderamento* das mulheres, um espaço de realização individual e coletiva e uma afirmação da autodeterminação física, com um sentido diferente do que teria para os homens, dada toda a história de luta das mulheres contra o controle patriarcal sobre os corpos femininos (ADELMAN, 2004).

Nas práticas dominadas pelos homens e pelas representações associadas ao “mundo masculino”, para Ferreira (2003), as mulheres ao lidar com o machismo, preconceito e situações discriminatórias, redimensionam sua participação na sociedade por meio da criação de novas formas de “ser”, suprimindo os estereótipos associado às diferenças biológicas e anatômicas que define as mulheres como mais fracas (frágeis) do que os homens. Essa ressignificação corrobora com a perspectiva de Butler (1990), a qual desconstrói uma “essência” de gênero, como podemos observar em relação à essas mulheres que rompem com as concepções naturalizadas dos seus corpos e habilidades.

O questionamento e desconstrução dos discursos normativos vinculados à mulher e ao corpo, em conjunto com a auto percepção das *traceuses* sobre suas competências e potencialidades, configuram-se elementos cruciais para estimular o empoderamento entre as mulheres, contribuindo para produzir resistências e enfrentamentos:

“Só não desisti do *parkour* por estar focada pra fazer aquilo e por sempre ser teimosa e querer passar na cara dos outros que um dia eu iria conseguir” (Iorrana).

“Uma amiga nossa do grupo quis treinar com os meninos e ela fez um movimento que o menino não conseguia fazer e ele ficava transtornado e irritado porque ela chegou pra fazer e ele não tinha conseguido ainda, tipo: ‘ela é mulher e consegue então eu tenho que conseguir’. Como se fosse tão impossível pra mulher assim: ‘então, não vou deixar por isso mesmo, ela é mulher, isso é inadmissível!’” (Sara).

A resistência das mulheres percebidas nesses relatos refere-se às condutas de “insistência” e do “conseguir” que suplantam as normatividades vinculadas à mulher e as representações de descredibilidade da participação delas nas práticas corporais. Casos similares como o relatado por Sara foram verificados por outros estudos. Schwartz et al. (2013) ao estudarem as mulheres em diferentes modalidades de aventura, também constataram que quando elas apresentam melhores desempenhos que os homens, o preconceito se tornava mais explícito. Diante dessas considerações, podemos perceber que as mulheres ao se colocarem na posição de “saber” e apresentar uma performance superior à dos homens, representam uma “ameaça” a eles, a medida em que essa posição de “saber” e “domínio” nas práticas esportivas garantem aos homens uma legitimidade (ALTMANN, 1998) e corresponde às expectativas sociais de gênero.

A participação das mulheres no *parkour* também é demarcada por cobranças e comparações expressadas pelos *tracers*, as quais constituíram atitudes presentes e constantes nas relações na modalidade, assim como se reproduzem nas demais relações sociais no cotidiano. Uma praticante percebeu que os meninos possuem uma necessidade de externalizar tais condutas:

“Os homens sentem certa necessidade em corrigir e ensinar as meninas, além de nos cobrar. Isso faz com que a gente se sinta mais confortáveis treinando entre mulheres. Principalmente no caso de casais, alguns namorados ficam cobrando das namoradas na frente dos outros e isso gera desconforto” (Daphne).

Tais atitudes dos *tracers* não reconhecem e desvalorizam a percepção de esforço e desenvolvimento das mulheres na modalidade, além de produzirem sensações de incômodo e constrangimento, denunciadas com veemência pelas participantes. Da fala apresentada, observamos que a necessidade em demonstrar um “saber” reforça a posição do homem como referente na modalidade. Consideramos que essa necessidade é advinda de uma construção sociocultural que mantêm os homens nesse lugar de fala e, a mulher, a posição do silenciamento e a invisibilidade. Frente esse cenário, as praticantes expressaram como enfrentam tais atitudes:

“Eu bati de testa e os meninos pararam de reclamar, pararam de me chamar de fraca porque eu tentava fazer as coisas e comecei a ser tratada de forma igual” (Iorrana).

“(Cobranças dos *tracers*) Parou muito desde o momento que as meninas aqui conquistaram seu lugar, lutaram para conquistar o seu espaço” (Sara).

Das falas depreendemos que “resistir” foi o meio seguido pelas *traceuses* para modificar esse contexto em busca de respeito e equidade. A resistência e a luta verbalizada pelas praticantes nos direcionam à reflexão do “rompimento” do silêncio das mulheres e da não aceitação de sua condição como subalterna. Para Solnit (2017b), assim como silêncio e a vergonha são contagiosos, a coragem e a fala também. Portanto, a resistência e a luta de uma mulher acabam afetando outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das mulheres no campo das práticas corporais reflete em lutas, estratégias de resistência e conquistas por espaços. A partir das entrevistas com praticantes de *parkour*, evidenciamos um contexto semelhante diante da análise da participação das mulheres na modalidade. As *traceuses* revelaram mudanças e conquistas frente à sua participação na prática, as quais se expressaram pelo aumento do número das praticantes, promovendo a percepção de ganho de espaço, do empoderamento das mulheres, favorecendo a representatividade e, conseqüentemente, a adesão e o estabelecimento de vínculos na modalidade. Esses aspectos contribuem para a desconstrução da imagem do *parkour* enquanto campo essencialmente “de homens”.

As praticantes identificaram, como fatores de encorajamento à prática, o desenvolvimento da confiança, a superação de medos, a autopercepção de evolução e a liberdade vivenciada na modalidade. As potencialidades e a atuação das mulheres no *parkour*

indicaram um rompimento das naturalizações atribuídas à mulher e ao seu corpo. Além disso, foi constatada a resistência delas diante do enfrentamento sobre os estereótipos, preconceitos e discursos dominantes (como refletidas pelas atitudes de cobrança) presentes nas relações entre os *tracers*. Para além de obstáculos físicos, a participação das mulheres no *parkour* é demarcada pelo enfrentamento dos obstáculos sociais.

Nesse contexto, verificamos que a participação delas na modalidade é atravessada por ações, comportamentos e discursos que transgridem e suplantam as normatividades e representações “engessadas” sobre “ser mulher”. Portanto, o *parkour* para as mulheres é “resistir” e se fazer “ver”; é fortalecer-se com outras mulheres, desnaturalizar as desigualdades, reconstruir o corpo e redefinir o “estar no mundo”.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres no Esporte: corporalidades e subjetividades. *Movimento*, v.12, n. 01, p. 11-29, 2006.

ALTMANN, H. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na educação física*. 1998. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ANGEL, J. M. *Cine Parkour: a cinematic and theoretical contribution to the understanding of the practice of parkour*. 2011. 235f. Tesis (Doctor of Philosophy) - Brunel University, Brighton/UK, 2011.

ARAÚJO, K. T. *Representações sociais de estudantes do ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade*. 2015. 218p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2015.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, J. P. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York/EUA: Routledge, 1990.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In.: ROMERO, E. (Org). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas/SP: Papyrus, 1995, pp.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos nos esportes. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 312-348, 1997.

FERREIRA, L. F. S. *Corridas de Aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza*. 2003. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FERNANDES, V. L. F. P. *Mulheres de ouro: trajetória e representações de atletas de lutas*. 2014. 188f. Dissertação (Mestrado em Movimento Humano e Cultura) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 41, p. 239-264, 2013.

GOELLNER, S. V. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness. *Estudos Feministas*, v. 10, p. 6-15, 2006.

_____; JAEGER, A. A.; FIGUEIRA, M. L. M. Invisibilidade não significa ausência: imagens de mulheres em obras referenciais do skate e do fisiculturismo no Brasil. *Ex aequo*, n. 24, p. 135-148, 2011.

KLEINDIENST-CACHAY, C; HECKEMEYER, K. Women in Male Domains of Sport. *International Journal of Eastern Sports & Physical Education*, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2006.

LAMB, M. D. *Tracing the path of power through the fluidity of freedom: the art of parkour in challenging the relationship of architecture and the body and rethinking the discursive limits of the city*. 2011. 266f. Thesis (Doctor of Philosophy) - Bowling Green State University, Estados Unidos, 2017.

LOIS, J. Gender and emotion management in the stages of edgework. In: LYNG, S. (org). *Edgework: The sociology of risk taking*. New York, Routledge, p. 117-152.

MATOS, M. I. S. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2003, pp.

PAVLIDIS, A; FULLAGAR, S. The pain and pleasure of roller derby: Thinking through affect and subjectification. *International Journal of Cultural Studies*, v. 18, n. 5, p. 01-27, 2014.

SCHWARTZ, G. M.; FIGUEIREDO, J. P.; PEREIRA, L. M.; CHRISTOFOLETTI, D. A.; DIAS, V. K. Preconceito e esportes de aventura: a (não) presença feminina. *Motricidade*, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

SILVA, R. L.; MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. A aventura de ser mulher nas atividades físicas de aventura na natureza. *Lecturas Educación Física y Deportes*, v. 10, n. 84, p. 01-07, 2005.

THEBERGE, N. Sport and Women's Empowerment. *Women's Studies*, v. 10, n. 4, p. 387-393, 1987.

THIBAUT, V. *Parkour and the art du déplacement: strength, dignity, community*. Montréal/CAN: Baraka Books, 2014.

WHEATON, B. Parkour, gendered power and the politics of identity. In: THORPE, H.; OLIVE, R. *Women in Action Sport Cultures*. Londres: Palgrave Macmillan, p. 111-132, 2016.